

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Parintins

2017

SANNY KELLEN ANJOS CAVALCANTE CANUTO

**OS ATOS DE FALA NO PROCESSO DE COMPRA E VENDA EM DUAS  
FEIRAS DE PARINTINS: UMA ANÁLISE PRAGMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras como requisito para obtenção do título de Graduada em Letras, pela Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins – UEA/CESP.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. M.S.c. Franklin Roosevelt Martins de Castro.

Parintins

2017

**SANNY KELLEN ANJOS CAVALCANTE CANUTO**

**OS ATOS DE FALA NO PROCESSO DE COMPRA E VENDA EM DUAS  
FEIRAS DE PARINTINS: UMA ANÁLISE PRAGMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras na Universidade do estado do Amazonas como requisito para obtenção do título de Graduada em Letras, pela seguinte banca examinadora:

---

**Prof<sup>a</sup>. M.S.C. Franklin Roosevelt Martins de Castro**

Presidente

---

**Prof. M.S.C. Patrícia Christina dos Reis**

---

**Prof<sup>o</sup>. M.S.C. Renner Douglas Gonçalves Dutra**

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

*Dedico este trabalho àqueles que ajudaram direta ou indiretamente para sua conclusão: Ao Álef Canuto, o homem mais maravilhoso que Deus poderia ter me dado por esposo; à minha mãe Solange que torce e ora por mim incansavelmente; à minha avó Antônia; à minha bisá Maroca “in memoriam”; ao meu primo-filho Marcos César para que saiba que é possível; ao melhor professor orientador do mundo, Franklín Roosevelt Martins de Castro.*

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, Senhor e Salvador da minha vida que me concedeu saúde e sabedoria para que eu pudesse concluir esta etapa;

Ao meu esposo, por ser meu porto seguro e zelar por mim em todos os momentos, agindo sempre com doçura nos meus momentos de estresse e cansaço;

À minha querida mãe pelas orações e conversas diárias, pelo apoio e torcida. Sempre vibrando com minhas conquistas como se fossem dela, (e de fato, são suas mãe).

Ao meu padrasto Tito Reis, por todo amparo e cuidado com essa filha postiça que o admira demais;

Ao meu orientador, Franklin Roosevelt, por me apresentar os estudos da linguagem de forma tão maravilhosa e ser o melhor professor do mundo;

À minha avó Antônia pelas suas orações que me cobriram de bênçãos todos os dias e pelas risadas ao telefone mesmo quando as coisas não iam bem;

Aos meus pastores Genilson e Priscila Rabelo pelas longas conversas e conselhos oportunos;

À minha amiga-irmã, Késley Rodrigues, que compartilha lágrimas e sorrisos comigo há tantos anos;

À minha amiga Jéssica Cleofer, um amor de pessoa que me acolheu e me abençoou muito desde a minha chegada;

Aos meus professores e colegas de curso pela parceria no decorrer desses quatro anos.

À Universidade do Estado do Amazonas pela oportunidade;

À cidade de Parintins pela acolhida.

Obrigada!

## RESUMO

O presente trabalho apresenta a construção dos atos de fala no processo de compra e venda em duas feiras livres no município de Parintins – AM, buscando evidenciar as peculiaridades do universo da pesquisa e as vivências dos sujeitos. A teoria dos Atos de Fala de J. L. Austin (1990) é utilizada como aporte principal, juntamente com os estudos recentes de Kanavillil Rajagopalan (2010) sobre os estudos pragmáticos. Os conceitos de comunidade de prática são utilizados e embasados por Eckert e Ginet (1992), que permitem compreender as comunidades de prática como um sistema socialmente organizado, por fim, os estudos sobre Feiras Livres de Araújo e Doula (2009) que permitem a compreensão acerca do universo “feira livre”, dentre outras autoridades que dão suporte ao texto. A natureza qualitativa e o método etnográfico utilizados para a realização deste trabalho, permitiram à imersão no universo investigado de maneira completa, por este motivo, o trabalho é escrito em primeira pessoa, pois a pesquisa etnográfica permite que o pesquisador possa discursar a partir do seu lugar social. Dos dados coletados, foram selecionados quatorze conversações e relatos que foram analisados de acordo com os efeitos de locução, ilocução e perlocução, apontados por Austin dentro da teoria dos atos de fala, afim de fazer compreender como são realizadas essas interações cotidianas.

**Palavras-chave:** Atos de fala, pragmática, feiras livres, comunidade de prática.

## **ABSTRACT**

The present work presents the construction of speech acts in the process of buying and selling in two free fairs in the city of Parintins - AM, seeking to highlight the peculiarities of the research universe and the subjects' experiences. The theory of the Acts of Speech by J. L. Austin (1990) is used as the main contribution, along with recent studies by Kanavillil Rajagopalan (2010) on pragmatic studies. The concepts of community of practice are used and supported by Eckert and Ginet (1992), that allow to understand the communities of practice as a socially organized system, finally, the studies on Free Fairs of Araújo and Doula (2009) that allow the understanding about the universe "fair free", among other authorities that support the text. The qualitative nature and the ethnographic method used to perform this work allowed the immersion in the universe investigated in a complete way, for this reason, the work is written in the first person, since the ethnographic research allows the researcher to speak from his social place. From the collected data, we selected fourteen conversations and reports that were analyzed according to the effects of locution, illocution and perlocution, pointed out by Austin within the theory of speech acts, in order to understand how these daily interactions are performed.

Keywords: Speech acts, pragmatics, free markets, community of practice.

## Sumário

INTRODUÇÃO: Falando em conversa.....	9
1. PRAGMÁTICA: uma vertente subestimada da Linguística .....	15
1.1. Entendendo o conceito de Filosofia da Linguagem ordinária .....	15
2. TEORIA DOS ATOS DE FALA: De Austin a Rajagopalan.....	18
2.1. UM RELATO FIEL SOBRE OS ESTUDOS DE AUSTIN.....	19
3. FEIRAS LIVRES: entreposto de atos de fala e relações sociais.....	26
4. UMA ABORDAGEM REFLEXIVA SOBRE OS ATOS DE FALA: RESULTADOS E CURIOSIDADES .....	29
4.1. Mercado Municipal da Francesa: Feira do Bagaço.....	30
4.2. Mercado Municipal de Parintins .....	40
4.3. Sobre o ato performativo de agradecer .....	46
CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	50



## **OS ATOS DE FALA NO PROCESSO DE COMPRA E VENDA EM DUAS FEIRAS DE PARINTINS: UMA ANÁLISE PRAGMÁTICA**

### **INTRODUÇÃO: Falando em conversa.**

Me chamo Sanny Kellen Canuto e faço parte da comunidade acadêmica do CESP-UEA. Ingressei na universidade no ano de 2014 para estudar Letras e desde o primeiro momento me identifiquei com os estudos da linguagem, pois muito cedo mostrei interesse pela escrita e pela oralidade, sendo atraída pelas diferentes formas de sotaque, saberes e percepções acerca dos assuntos empíricos e científicos. Dentro da universidade essa curiosidade é trabalhada e aguçada a cada nova recepção teórica, seja em uma teoria literária ou em estudos linguísticos. No meu caso, a Linguística foi um imã que me atraiu para mais fundo de seus estudos, começando pelas teorias estruturalistas Sausserianas, Chomskyanas e etc., até a contemporaneidade como no caso da pragmática de Austin, premissa intrigante que impulsionou esta pesquisa sobre os atos de fala.

Escolhi analisar os atos de fala em duas feiras de Parintins por dois motivos principais: o interesse pelas diferentes formas de interação; e minha paixão por nossas feiras livres. Frequentei as feiras municipais desde criança, acompanhava minha avó e me via encantada em meio a tantas cores, cheiros, sons e pessoas simples de sorrisos francos que falavam as coisas mais engraçadas para que levássemos para casa sua farinha, seu açaí, seu tucupí, dentre outros produtos. Dentre tantos pontos a serem observados no âmbito das feiras livres, o linguajar se sobressaía, e hoje é o objeto desta análise. A feira sempre foi, para mim, um lugar ‘multicultural’, termo que só passei a conhecer dentro da universidade, mas que para mim já o era antes de ser.

A linguagem do povo amazonense é repleta de expressões peculiares que se manifestam através da fala, dos gestos e dos sons usados cotidianamente, seja para contar histórias ou vender seus produtos informalmente. Portanto, esta pesquisa tem como objetivo compreender como essas características se comportam na construção dos atos de fala no processo de compra e venda no Mercado Municipal João Melo e no Mercado Municipal Mundico Barbosa (Feira do bagaço). É nas feiras livres que essa diversidade rica de atos de fala é encontrada sob a forma de saberes populares, aprendizados que não se ensinam em sala de aula ou simplesmente informações passadas de geração à geração. Embasado no conceito de FIORIN (2013, p.182) de que “a pragmática estuda as

condições que governam a utilização da linguagem, a prática discursiva”, neste ponto, pondero acerca da construção dos atos de fala no processo de compra e venda das duas feiras selecionadas.

Para que a pesquisa fosse realizada, foi necessário estabelecer algumas questões específicas que nortearam todo o percurso, tal como, estabelecer o arcabouço teórico para garantir a seriedade do trabalho científico; analisar o contexto das feiras como cenas enunciativas para entender como se desenvolvem os atos de fala nos processos de compra e venda; identificar e descrever os verbos performativos utilizados por feirantes e clientes; e por fim, realizar entrevistas sobre técnicas de compra e venda. Tais objetivos foram essenciais para organicidade da pesquisa.

Em algumas situações comunicativas os aspectos sintáticos e semânticos por si só, não conseguem explicitar como são construídos os sentidos de determinadas sentenças; como as entrelinhas, sarcasmo, humor ácido e etc. Os falantes de uma língua utilizam muito mais fenômenos linguísticos e extralinguísticos do que se consegue ter controle em uma gramática. Cabe então à pragmática, como um ramo da linguística, analisar e compreender os fenômenos recorrentes das variações da língua que ocorrem no dia à dia. Geralmente vemos a pragmática associada à semântica quando se trata de significados e contextos, no entanto, este trabalho atem-se ao ramo da pragmática, visando sua ligação com a Teoria dos Atos de Fala proposta por J. L. Austin. Deste modo, pude investigar a linguagem utilizada pelos comerciantes de dois mercados municipais de Parintins na plenitude de suas competências linguísticas e extralinguísticas.

Ao conhecer uma comunidade de prática, é possível perceber diversas formas de comunicação, estas que acontecem por meio de gírias, costumes, linguagens e códigos. Observei que Parintins é formada por diversas comunidades de fala, com características próprias e diversificação, entre elas encontram-se instituições religiosas, pessoas ligadas ao festival folclórico, universitários e etc.

Escolhi dois Mercados como universo desta pesquisa por tratar-se de uma comunidade de prática não muito extensa que apresenta uma variabilidade de fala instigante que abriga pessoas de diversas localidades; sejam de outros municípios, estados ou comunidades ribeirinhas. Observei os vendedores e clientes do mercados de Parintins, para entender como se dá o processo de compra e venda de produtos, para isso, foram analisadas suas técnicas de venda, procura de produtos por parte dos clientes, verbos performativos utilizados, a recepção dos anúncios e qual linguagem é utilizada. Tais

observações foram necessárias para identificar os três efeitos que constituem os atos de fala apontados por Austin, que são: *locução, ilocução e perlocução*.

O principal inspirador da teoria dos atos de fala foi o britânico John Langshaw Austin, tendo como seu principal divulgador John Searle, que por muito tempo foi confundido por alguns estudiosos da linguagem com seu criador (RAJAGOPALAN, 2010). Após a prematura morte de Austin, causada por um câncer descoberto já em estado muito avançado, ceifando sua vida aos 49 anos e interrompendo uma carreira intelectual brilhante. Os conceitos criados por Austin para explicar como funcionava a teoria dos atos de fala foram distanciados por Searle, que introduziu sua própria interpretação à teoria, portanto, este estudo concentra-se nas teorias reais de Austin enfatizadas por Kanavillil Rajagopalan.

As reflexões de Austin acerca da linguagem partem de um caráter humorístico considerado inapropriado no meio acadêmico e por isso foi pouco aceito em seu início. Apesar dos escritos de Austin apresentarem esse caráter irônico, não poderiam deixar de considerar suas reflexões, pois elas preencheram uma grande lacuna nos estudos da linguagem apresentando sua famigerada teoria dos atos de fala, na qual a língua é estudada em sua forma ordinariamente cotidiana. As reflexões filosóficas de Austin concentram-se em mostrar que essa linguagem ordinária é digna de ser estudada tanto quanto qualquer outra. Partindo desta premissa, Austin observou que ao falar da coloquialidade e estudá-la, não poderia apresentar suas contribuições valendo-se d As reflexões filosóficas de Austin concentram-se em mostrar que essa linguagem ordinária é digna de ser estudada tanto quanto qualquer outra e uma linguagem rebuscada, talvez em tom de manifesto para mostrar que reflexões filosóficas não se tornam menos importantes pela linguagem com a qual são descritas, mas se há veracidade nelas e se à levam a algum lugar (RAJAGOPALAN, 2010)

Segundo Lopes (2010), “a linguagem no âmbito pragmático insere um novo tipo de comunicação”, (LOPES, 2010. P. 18). É necessário entender que o português brasileiro não apresenta homogeneidade. Saussure (2012) pondera acerca da complexidade da língua, visto que a dicotomia *Langue* e *Parole* implica o seu caráter coletivo; porém a fala apresenta-se individualmente; logo, as questões do significado e significante relativizam-se no âmbito das variações de contexto dos falantes.

Com a ascensão das tecnologias e modernidades dos grandes centros urbanos sendo instaurados em comunidades menores, é comum práticas como as vendas em mercados tornarem-se obsoletas, visto que, os supermercados suprem de forma mais

abrangente às necessidades de uma determinada população. Acredito na importância deste projeto para fortalecer um olhar de afirmação da identidade cultural no que se refere às práticas discursivas utilizadas pelos feirantes e comerciantes do mercado municipal de Parintins, pois o mercado municipal é um patrimônio cultural que deve ser valorizado por seu valor simbólico e prático à população.

O município é riquíssimo em diversidade cultural e conseqüentemente variação linguística, e a partir desse contexto busquei evidenciar os fatores linguísticos e extralinguísticos que corroboram o *fazer* enunciativo da comunidade de prática estudada. Espero que este trabalho seja um pequeno contributo para outros pesquisadores que se interessem pela área da Linguística e afins, e que aguace a curiosidade para estudar os diversos fenômenos linguísticos existentes neste município.

Rajagopalan, (2003) assinala que um pesquisador tem a responsabilidade de zelar pela veracidade das “coisas” que ele estuda; partindo deste pressuposto, utilizei a pesquisa qualitativa e o método etnográfico para conhecer de uma forma completa o meio investigado, o qual me possibilitou analisar os atos de fala dos feirantes não como uma cliente, mas sim como pesquisadora.

Trata-se da responsabilidade do pesquisador para com a sociedade que lhe proporciona as condições necessárias de levar a diante suas pesquisas. Trata-se da responsabilidade social do cientista (do linguista, no caso) num sentido muito mais profundo do que uma simples questão de “dívida moral” em relação aos informantes que tanto nos auxiliam em pesquisas de campo [...] (RAJAGOPALAN, 2003, p. 45)

O método etnográfico me possibilitou analisar e compreender os aspectos socioculturais dos vendedores e frequentadores do mercado municipal de Parintins, tal como sua movimentação, nuances e interações linguísticas; portanto, para compreender essas interações permeadas por atos de fala em sua “contextualidade”, escolhi a prática etnográfica que me permitiu compreender os atos de fala em seu contexto, permitindo-me observar, participar e experimentar a realidade dos atores que compõem o cenário “feira livre”.

As técnicas e os instrumentos utilizados para concluir esta pesquisa foram: *Pesquisa Bibliográfica*, que foi de suma importância para que eu pudesse me situar em todos os conceitos desta análise, tal como a técnica de fichamento para melhor compreender e aplicá-la no decorrer da pesquisa; *Observação Sistemática e Participante* se fazendo necessária para que eu pudesse adentrar no meio investigado e compreender como se dão os processos de compra e venda e como são as interações através dos atos

de fala. Essa forma de participação é importante para conhecer as práticas discursivas, os saberes e as formas de interação social, cultural e econômica; *Diário de Campo*, este instrumento foi primordial para registrar as ações, os atos de fala, curiosidades, entrevistas e conhecimentos dos sujeitos da pesquisa. Através dessas técnicas e instrumentos, busquei compreender os atos de fala utilizados pelos feirantes do Mercado Municipal de Parintins e Mercado Municipal da Francesa no processo de compra e venda de seus produtos, para tanto, precisei fazer um levantamento bibliográfico acerca do tema em questão nos âmbitos pragmático e etnográfico. Para dar suporte à pesquisa, investiguei os diferentes contextos em que se inserem os atos de fala nos mercados a fim de evidenciar os hábitos dos sujeitos da pesquisa, como: interação social; ideias, hábitos e o quanto estes fatores inferem nos atos de compra e venda através da fala, desta forma, pude identificar também os verbos performativos.

Após a escolha do tema, recorri ao meu orientador para conhecer o arcabouço teórico base de minha pesquisa, sendo-me apresentada a Teoria dos Atos de Fala de Austin através da Pragmática esmiuçada por Rajagopalan. No primeiro momento, fiz a leitura dos textos, realizando ainda o fichamento comentado para facilitar a fixação do assunto, e no decorrer da pesquisa outras autoridades foram sendo estudadas e agrupadas ao trabalho, em sua maioria indicados por meu orientador, como o conceito de Comunidade de Prática abordado por Penélope Eckert, e os textos sobre feiras livres.

Nessa primeira etapa de escolha e delimitação do tema, leituras e apresentação do pré-projeto se deu nos meses 10,11 e 12. Sendo o levantamento bibliográfico e montagem do arcabouço teórico nos meses 1 e 2, ainda que não finalizado pois no decorrer da pesquisa foram introduzidos outros teóricos nos meses que se seguiram.

A segunda etapa se deu em torno da observação sistemática e participante que resultou no diário de campo; a primeira me permitiu adentrar no universo da pesquisa de forma atuante, podendo acompanhar as duas feiras nos meses 5 e 6. Pude transcrever tanto as conversações entre vendedores e clientes, quanto as minhas com os atores dos dois mercados. Em seguida pude organizar todo o material coletado para analisar de acordo com a proposta de Austin sobre os atos de fala.

Acredito na relevância desta pesquisa pelo simples e puro fato de poder analisar o contexto cotidiano, de estudar o conhecimento empírico, os diversos saberes e formas linguísticas diferentes do meio acadêmico ou erudito. Para Orlandi (2013), “as palavras simples do nosso cotidiano chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se construíram e que no entanto significam em nós e para nós” (ORLANDI, 2013, p. 20).

Preferi escrever este trabalho em primeira pessoa por acreditar na ideologia de Bakhtin em Análise do Discurso de que não existe um discurso neutro e que a partir do discurso do outro o meu discurso é formado, mas mesmo que meu pensamento seja formado por um fator ideológico e previamente social, eu sou a “dona momentânea do meu discurso”, visto que cada indivíduo é livre para ser o que quiser, a razão permite a liberdade em uma expressão livre do pensamento (BAKHTIN, 1981).

## **1. PRAGMÁTICA: uma vertente subestimada da Linguística.**

### **1.1. Entendendo o conceito de Filosofia da Linguagem ordinária**

Conhecida como (FLO), a Filosofia da linguagem ordinária é um movimento filosófico que teve seu início e desenvolvimento na Inglaterra entre 1940 e 1960. Ainda que não seja muito disseminada, a FLO não é algo do passado, ainda na contemporaneidade ela se enraíza com alguns entusiastas. Os pensadores centrais desse movimento foram J.L. Austin e Ludwig Wittgenstein, RAJAGOPALAN (2010).

Segundo Rajagopalan (2010), o termo mais adequado para se referir a esse movimento seria “filosofia linguística”, pois os estudiosos da linguagem ordinária acreditavam na importância de estudar a linguagem cotidiana, ainda para Rajagopalan, a linguagem ordinária, em sua competência simples e acessível, é tão capaz de estabelecer diálogos inteligíveis no que concerne assuntos não ordinários, ainda que apresentem sutilezas que por vezes podem não ser compreendidas por falantes não familiarizados com esse tipo de linguagem.

Minha base nesta pesquisa, o filósofo e linguista J. L. Austin, é considerado o principal mentor da filosofia da linguagem ordinária; para ele, a linguagem do dia a dia é uma espécie de herança realizada por gerações de falantes (RAJAGOPALAN, 2010). Não significando que a linguagem não possa ser aprimorada, contrariando Saussure, a língua é um organismo mutável e heterogêneo. No que diz respeito à antítese filosofia da linguagem ordinária versus filosofia da linguagem ideal, (RAJAGOPALAN 2010), inspirado pelos conceitos austinianos de importância à uma linguagem coloquial, afirma que “a linguagem ordinária pode não nos prover com a última palavra sobre problemas filosóficos, mas poderia ser o ponto de partida para todo o questionamento filosófico” (RAJAGOPALAN, 2010, p. 23).

Quando falamos em Pragmática, nos vem à mente os processos de fala que são emitidos a todo momento, visto que para estudar palavras e sentidos se tem os estudos semânticos e sintáticos. “A pragmática estuda as condições que governam a utilização da linguagem, a prática linguística”, (FIORIN e DISCINI, 2013. p. 181), e se interessa em analisar os enunciados concretos em dadas situações de uso, não se interessando prioritariamente com o contexto histórico do falante, mas sim o que está sendo dito e acontecendo no ato da pronúncia.

A pragmática assume um papel não muito convencional ou fácil, por assim dizer. Como enfatiza (RAJAGOPALAN, 2010), “Trata-se de truismo dizer que a pragmática lida com o uso cotidiano e corriqueiro da linguagem” (RAJAGOPALAN, 2013, p. 16).

O linguista analisa as questões controversas e que de alguma forma tentam limitar à pragmática a algo menor que a semântica, visto que em muitos estudos pragmática e semântica se ligam quase que automaticamente, quando o foco é o contexto. Neste ponto, o autor infere que o contexto não é, em suma, o único responsável pelo significado, não sendo papel único da semântica especificá-lo; pelo contrário, a pragmática visa com, os atos de fala, satisfazer a necessidade de significado no âmbito da fala sem deixar subentendido qualquer tipo de enunciado ou faltando sentido para que este possa ser compreendido.

Rajagopalan, (2010), assinala que há certos pressupostos compartilhados por alguns estudiosos da pragmática que admitem a variedade que caracteriza esta área sem subtrair outras características que indicam que os estudos pragmáticos analisam a linguagem de duas maneiras. A primeira é o seu uso concreto com foco nos falantes, enquanto a segunda se preocupa com as condições de enunciação da prática linguística. A dicotomia sausseriana *língua/fala* (SAUSSURE, 2012) aponta que a língua é o objeto de estudo da Linguística, sendo a *Linguagem* menos a *fala*. A pragmática não entende a fala com um papel subserviente à língua, ou seja, a pragmática acredita que a fala é essencial para que a linguagem seja de fato entendida como um fator social, contrariando os estudos de Saussure, a Pragmática não acredita no uso isolado da língua para explicar os fenômenos linguísticos, (PINTO, 2012).

A pragmática encarrega-se de estudar os fenômenos não explicados previamente, trata-se de uma área de estudos de certo modo desafiadora, visto que seus meios de pesquisa são inovadores e os dados que se propõe investigar através de seus conceitos devem ser vislumbrados antes mesmo de ocorrer a pesquisa, como afirma Rajagopalan (2009. p. 17) “o pragmatista entende que um dado nunca é dado ou descoberto in natura; ele é sempre produzido”. Para ele, a pragmática coloca o pesquisador na condição de “desbravador” de dados já existentes, como se estes estivessem prontos a ser coletados em algum momento. Neste ponto, leva-se em consideração os atos de fala propostos a serem estudados nesta análise. A fala e seus atos sempre existiram no âmbito da linguagem, não de uma forma contextual escrita, mas oral; concerne então a pragmático analisar e compreender como se dá a relação entre os atos de fala e os próprios interlocutores, as sentenças que são produzidas e como são compreendidas, ou seja, trata-se da observação e análise dos usos concretos da língua em situações concretas, (CASTIM, 2017).



Ainda para Pinto (2012), a manobra pragmática para nos fazer compreender a linguagem em sua totalidade é não descartar a fala, pois ao descartar a fala, automaticamente está deixando de fora as pessoas que falam. Para Saussure (2012), a língua é um organismo social por excelência, e os conceitos de sociedade e comunicação são inerentes ao ser humano pela sua vivência coletiva. “A teoria dos atos de fala se assenta num conceito social: o uso, a promessa, o fazer”, (CASTIM, 2017. p. 4). São os falantes que adicionam à linguagem formas únicas, e a partir disso se criam as *comunidades de prática*.

Eckert e Ginet,(1992), afirmam que o conceito de comunidade de prática abarca essa coletividade do ser humano em uma categoria na qual se interligam prática social e o lugar individual na comunidade, afirmando que esse conceito se conecta ao engajamento social que uma comunidade de indivíduos tem em comum, em outras palavras, uma comunidade de prática reitera uma atividade social, na qual indivíduos fazem parte por causa de um ou mais interesses em comum, e não apenas por serem uma coleção de indivíduos que formam um grupo ou que “pensem igual”, apenas estão engajados em ações por algo em comum.

Os mercados podem ser considerados comunidades de prática por compartilharem “modos de fazer as coisas, modo de falar, crenças, valores, relações de poder – em resumo, práticas – emergem durante sua atividade conjunta em torno do empreendimento”, (Eckert e Ginet, 1992). São as ações cotidianas que vão modelando a estrutura da comunidade. Dentro do mercado, há uma série de ações conjuntas que o designam como uma comunidade de prática, sejam seus horários de trabalho, forma de anunciar seus produtos e até uma cooperativa dos feirantes, são diversos fatores que podem ser observados para categorizar um grupo como uma comunidade de prática.

Eckert e Ginet, (1992), ainda assinalam que as comunidades de prática não seguem um padrão, podem ser pequenas ou grandes, podem sobreviver a mudança de membros e podem ser vinculadas a outras comunidades sem que isso altere sua singularidade. Para as autoras, os indivíduos tem a capacidade de participar de diversas comunidades de prática, e ainda assim possuir uma individualidade, ainda que baseada na multiplicidade de tal participação, sendo visto como um articulador capaz de exercer diversos papéis sociais.

## 2. TEORIA DOS ATOS DE FALA: De Austin a Rajagopalan

Para Austin (1990), os filósofos erroneamente acreditaram por muito tempo que um enunciado só poderia descrever uma determinada ocasião ou algum acontecimento e que estes só deveriam ser categorizados como verdadeiros ou falsos. Os gramáticos já apontavam que nem todas as orações poderiam ser usadas para formar declarações, pois haviam outras formas de expressão como perguntas, exclamações, sentenças que designariam desejos, pedidos, permissões e etc.

A Teoria dos Atos de Fala é a vertente da Filosofia da Linguagem que recebeu grande contributo de Austin para a Linguística ao considerar a linguagem como uma ação e não apenas teoria. Há doze ensaios publicados da autoria de Austin, intitulados *How to do things with words* em 1990, fundamentais para compreender a importância desta teoria para a pragmática, área que estuda as formas de utilização da linguagem e os fatores que são essenciais para a produção de sentido de um enunciado.

Segundo Rajagopalan (2010) é necessário entender que há duas formas de ler Austin, uma “fiel” e outra “Searliana”. Kanavillil Rajagopalan é professor titular na área da semântica e pragmática das línguas naturais da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), publicou diversos livros, ensaios e apresenta uma vasta produção científica com mais de 350 textos. Em dezembro de 2006, recebeu o Prêmio de Reconhecimento Acadêmico Zeferino Vaz. Ao longo de sua carreira acadêmica, Rajagopalan se dedicou à teoria dos atos de fala para expor o pensamento de Austin em sua totalidade, uma vez que John Searle, visto como um discípulo e principal divulgador da teoria de Austin, modificou a vertente criada por seu mestre.

Sobre os estudos de Austin, Rajagopalan (2010) assinala uma apropriação e modificação de interpretação por parte de John Searle, visto que os dois tinham divergências de ideias e que a teoria de Austin se tornou irreconhecível após serem reestruturadas por Searle. Ainda para Rajagopalan (2010) essas duas formas de ler Austin possuem disparidades, sendo que a leitura não searliana de Austin está ganhando espaço entre antropólogos e sociólogos, e lentamente, sendo difundida e aceita entre os linguistas. Em sua obra *Nova Pragmática: fases e feições de um fazer*, Kanavillil Rajagopalan apresenta um estudo a fundo sobre a teoria dos atos de fala de Austin e como foi distorcida por John Searle, ainda que se mantenha imune às inúmeras críticas. Rajagopalan termina a discussão sobre as duas formas de ler Austin, da seguinte forma:

À luz dessa discussão, não resta dúvida alguma de que Searle tenha habilmente demarcado – e, do que se observa disso, tenha sido bem sucedido em mantê-la – uma sólida reputação apoiada nas duas pretensões simultaneamente. Ele foi muito feliz no incrível feito de comer a fatia da cereja do bolo de Austin, e ainda, se adonar do bolo todo. (RAJAGOPALAN, 2010. p. 118)

## 2.1. UM RELATO FIEL SOBRE OS ESTUDOS DE AUSTIN

Austin inicia a primeira conferência com uma afirmação nada convencional, “o que tenho a dizer não é difícil, nem polêmico. O único mérito que gostaria de reivindicar para esta exposição, é fato de ser verdadeira, pelo menos em parte” (AUSTIN 1990, p. 11), infere que sua coloquialidade fazia parte de suas contribuições acerca dos atos de fala.

Na verdade, longe de ser um simples recurso retórico ou estilístico, o humor de Austin, da mesma forma que sua insistência em utilizar o tempo todo uma linguagem propositalmente coloquial, está de acordo com sua desconfiança em relação a qualquer possibilidade de manter uma barreira impermeável entre o objeto do estudo e a forma pelo qual se aborda tal objeto. Afinal, boa parte de seu esforço filosófico está voltada a mostrar que a linguagem ordinária é digna de ser objeto das mais altas lucubrações filosóficas (RAJAGOPALAN, 2010. p. 153)

Austin foi ousado ao imergir na coloquialidade em uma comunidade altamente filosófica, para ele não faria sentido recorrer a um estilo rebuscado para expor uma tese que não só, desmistifica, como propõe a coloquialidade como digna dos estudos mais aprofundados da linguagem. Os escritos de Austin devem ser abordados como um fazer, pois nas considerações finais de suas anotações sobre os atos de fala, Austin chega à conclusão de que todo dizer é um fazer, por esse motivo, as categorias de análise devem ser estruturadas em feitos e não em ditos (RAJAGOPALAN, 2010).

Ainda na primeira conferência de Austin (1990) distingue os atos de fala em dois grupos, *constativos* e *performativos*. Para ele, os constativos se dariam como uma constatação dos fatos, descrevendo-os; enquanto que os performativos seriam os fatos concretos da fala, o simples fato de enunciar algo a alguém, levando em consideração não só o falante como também o receptor e seus atos. Aborda, desta forma, a questão da autorização que seria, basicamente, quando um enunciador toma a liberdade de proferir algo, como nomear um barco, por exemplo, ou seja, é a liberdade de escolha do falante.

Tomemos como exemplo da conferência de Austin a expressão “poxa”, que não é verdadeiro e nem falso, propondo chamá-la de sentença ou *proferimento* performativo. Proferir algo é um dos fatores essenciais para que se concretize o ato, mas que não é necessário apenas isso, pois as circunstâncias em que as palavras são proferidas são

necessárias para que se concretize o ato; assim, a pessoa ou as pessoas que proferirem precisam desenvolver ações físicas ou mentais que caracterizam o ato; seja apostar, dar uma ordem ou declarar algo como casar. Para que alguém se case, é necessário que este não esteja casado com outra pessoa, logo, para a ação de *proferimento* ser concretizada há um contexto que deve ser estabelecido para que então o ato tenha validade. Ou seja, uma ação poderia ser realizada sem um *proferimento* performativo, (AUSTIN, 1990).

A segunda conferência intitulada *Condições para performativos felizes*, refuta um pressuposto filosófico de que dizer algo é sempre declarar algo. Para Austin, enquanto estamos dizendo algo, estamos fazendo algo, pois no ato de *proferimento* há uma ação que já foi, está sendo ou será realizada, e esse *proferimento* pode não ser nem verdadeiro e nem falso, mas ainda assim está sujeito à crítica. Apresenta seis pontos que podem ser considerados infelizes, mas na terceira conferência *Infelicidades desacertos* admite que a lista está incompleta e que há outros fatores que podem fazer enunciados infelizes. A quarta conferência, *Infelicidades: maus usos*, Austin considerou os problemas relacionados aos *proferimentos* performativos e às declarações que são verdadeiras ou falsas elucidando quatro conexões notáveis.

A quinta conferência, *Critérios possíveis de performativos*, propõe tecer considerações sobre como pode se distinguir *proferimentos* constativos de performativos, chegando a conclusão de que não é tão fácil distinguir tais *proferimentos*. A sexta conferência, *Performativos explícitos*, considerou que o performativo explícito se dá em oposição ao primário, certificando que a partir do desenvolvimento social da linguagem o primeiro deriva do segundo. A sétima conferência, *Verbos performativos explícitos*, foi afunilando a teoria de que poderiam existir uma quantidade limitada de verbos performativos.

Ao iniciarmos o programa de encontrar uma lista de verbos performativos explícitos, pareceu-nos que nem sempre seria fácil distinguir proferimentos performativos de proferimentos constativos, e, portanto, achamos conveniente recuar por um instante às questões fundamentais, ou seja, considerar desde a base em quantos sentidos se pode entender que dizer algo é fazer algo, ou que ao dizer algo estamos fazendo algo, ou mesmo os casos em que por dizer algo fazemos algo[...] (AUSTIN, 1990. p. 85)

Todo ato constativo é performativo, porque trata-se de uma visão de mundo. “A terra gira ao redor do sol” não é um performativo à primeira vista, mas é performativo porque eu estou afirmando, trazendo um posicionamento de mundo que influencia as outras pessoas, é a pseudovisão da ciência, de que a ciência é feita de enunciados

constativos e atos performativos, desta forma, todo enunciado é um enunciado performativo, (Austin, 1990).

Ainda no mesmo estudo, Austin (1990) abandona essa primeira teoria afirmando que existem performativos implícitos e explícitos em qualquer ato de fala. Desta forma, quando eu digo: “eu prometo que estarei lá”, Austin (1990, p. 69) apropria-se do performativo explícito, visto que o verbo “prometer” está na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e ainda acompanhado do pronome pessoal “eu”. Uma forma implícita desta mesma frase seria a sentença “estarei lá”, a ideia de promessa está subentendida, e a ausência do pronome pessoal “eu” continua dando a entender que “eu” estarei lá. Austin constatou que a dicotomia *constativos/performativos* descrita por ele não poderia ser, de fato, levada em consideração em relação aos atos de fala.

Lopes (2010 p. 67) apropria-se dos termos de Derrida para descrever que Austin cria uma análise aporética e em constante transformação. Dentro desta perspectiva, Souza (2006) enfatiza o caráter incompleto da dicotomia analisando que os *constativos* também poderiam apresentar uma dimensão performativa, visto que, descrever seria um ato realizado podendo ser bem ou mal sucedido; assim como os performativos teriam uma dimensão constativa, sendo relacionada a fatos.

Lopes (2010) afirma que ao concluir sua reflexão dicotômica entre *performativos/constativos*, Austin abandona a distinção criada por ele mesmo por concluir que essa distinção não seria suficiente para descrever os atos de fala em sua totalidade e em sua importância para a linguagem, as palavras da própria autora para descrever esta afirmativa são: “Austin argumenta que a linguagem como um todo não é formada por enunciados constativos que descrevem algo, mas sim por enunciados performativos que fazem com que alguma coisa aconteça”. (LOPES, 2010. p. 74). Todas as vezes em que um determinado falante diz algo, está transmitindo uma mensagem que emite com a intenção de expressar algo a alguém, ou uma expressão direta do que se pensa ou sente. Quando produzimos sentenças compreensíveis para o fim da comunicação, entramos na esfera dos atos de fala, e estes podem se dividir em dois tipos: atos diretos e indiretos (LOPES, 2010).

Os atos diretos são aqueles em que a intenção do falante fica explícita para o receptor, para que este entenda sem dificuldades como ordens e declarações. Os atos indiretos são aqueles cuja a intenção não se torna explícita para o receptor, como eufemismo, sarcasmo e ironia. Austin propõe que os atos de fala apresentam três níveis

elementares que classificam os enunciados em suas diversas formas de comunicação, tratam-se dos atos locucionário, ilocucionário e perlocucionário. Para SOUZA (2006), na oitava conferência, Austin insere outra teoria sobre os atos de fala, propondo que sua:

[...] concepção do uso da linguagem como uma forma de agir seja estendida para toda a linguagem, considerando o *ato de fala* como a unidade básica de significação e tomando-o, por sua vez, como constituído por três dimensões integradas ou articuladas: respectivamente os atos *locucionário*, *ilocucionário* e *perlocucionário*. (SOUZA, 2006, p. 224)

O ato *locucionário* é basicamente a estrutura mínima dos atos de fala, consiste nas palavras e sentenças aplicadas de acordo com a gramática, podendo ser considerado a parte teórica dos atos de fala; é o ato que realizamos ao falar algo, trata-se do enunciado em si mesmo. O *ilocucionário*, por sua vez, implica a ação propriamente dita, o ato de dizer, de se justificar, inferir, informar e etc. Pode ser considerado o núcleo do ato de fala, podem ser proferidos com verbos performativos implícitos e ainda assim não perder sua força ilocucionária de transmissão da mensagem. Ato *perlocucionário* trata a transmissão e recepção da mensagem emitida pelo interlocutor, o ato perlocucionário está para os atos de fala, como a catarse está para a leitura literária, por assim dizer.

Para Austin, essas três formas de caracterizar os atos de fala, são responsáveis pelo fracasso ou sucesso da compreensão dos enunciados, visto que, os atos são eventos relacionados às convenções sociais; cabe, desta forma, ao interlocutor a objetivação no que concerne à escolha de tais atos para que assim possa ser compreendido. Há uma ligação direta entre pragmática e atos de fala, que por sua vez, consistem em enunciações, receptividade e códigos da língua,

“Os atos de fala são, via de regra, dirigidos a uma pessoa fisicamente presente no momento de proferimento de tal forma que é totalmente desnecessário referir-se a ela, ou seja, não faz o menor sentido nomeá-la explicitamente”. (RAJAGOPALAN, 2009, p. 10). Os atos de fala dispensam o uso de pronomes de tratamento quando se tratam de verbos performativos no ato ilocucionário, e este por sua vez, manifesta-se pela ação em si no simples ato de falar. O ato perlocucionário é uma espécie de catarse da fala, é o efeito do que a fala do outro interlocutor causou em quem o recebeu. Nesse caso, a ameaça não pode ser percebida por quem a proferiu, apenas por aquele que se sente ameaçado no momento. O ato locucionário é, em sua medida, o sistema de códigos existentes na língua, aquilo que Saussure (2012) afirma ser o sistema arbitrário de signos linguísticos, a língua, que se concretiza através da fala, que é individual e concreta.

Podemos dizer, que dos três atos de fala citados, a maior forma de interação se dá entre os atos ilocucionários e perlocucionários, não inferindo que o ato locucionário seja irrelevante, apenas levando em consideração o jogo interacional de enunciação. Rajagopalan relembra um famoso exemplo de Austin para ilustrar essa questão de interpretação que:

[...] não depende do significado da sentença isolada nem das intenções comunicativas do emissor, mas depende, de forma singular, também das circunstâncias do ouvinte. Esse fato fica ainda mais evidenciado quando nos lembramos de que, na famosa caracterização proposta por Austin (1962), uma “ameaça” é catalogada como um ato perlocucionário e não como um ato ilocucionário. Diferentemente do ato ilocucionário, o ato perlocucionário depende da forma como o ouvinte o recebe para ser bem “bem sucedido”, ou seja, a felicidade de um ato perlocucionário não está nas mãos de quem o profere. (AUSTIN *Apud* RAJAGOPALAN. 2009, p. 14).

Austin se refere ao ato locucionário como completo, um *dizer algo*. E esse dizer algo deveria ser esmiuçado com a participação de filósofos, gramáticos e foneticistas, pois distingue o ato locucionário em três esferas, que são ato fonético, ato fático e caso rético. O caso fonético é representado pelos ruídos que são proferidos na enunciação, o ato fático (sintaxe) consiste no proferimento de palavras ou vocábulos que pertencem a um conjunto de normas inteligíveis e o ato rético (semântica), que consiste em proferir palavras e termos que expressem sentido ou referência tanto para quem fala como para quem ouve. Podemos inferir que todo ato locucionário sofre uma locução, pois não importa se estamos fazendo uma pergunta ou dando uma informação, vendendo ou comprando algo, todo enunciado é uma locução e toda locução apresenta uma força ilocutória (AUSTIN, 1990).

A nona conferência trata a distinção entre atos ilocucionários e perlocucionários, aborda a necessidade de distinguir “consequências”; é através do ato perlocucionário que o receptor de uma determinada informação pode se abster de cair em uma cilada, por exemplo. “O ato ilocucionário, distintamente do ato perlocucionário, está relacionado com a produção de efeitos em certos sentidos”. (AUSTIN, 1990. p. 50). A décima conferência intitulada “*Ao dizer...*” versus “*Por dizer...*”, Austin se desprende da distinção entre performativos e constativos, assinalando que não seria viável listar palavras performativas explícitas, então retoma a premissa de que dizer algo é de fato fazer algo afirmando que o ato ilocucionário consiste em certos efeitos que são obtidos unicamente por se dizer algo. Na décima primeira conferência foi denominada *Declarações performativas e força ilocucionária*, Austin exemplifica algumas

declarações e como elas são permeadas pela força ilocucionária enfatizando pontos sobre os performativos e os constativos para aprimorá-los como conceito de atos ilocucionário, pois afirma que “declarar algo é realizar um ato ilocucionário”, (AUSTIN, 1990, p. 111). A última conferência é denominada por Austin como *Classes de Força Ilocucionária*, na qual o autor tece comentários sobre todas as conferências e tenta concluir suas recentes descobertas modestamente. Para ele houveram muitas questões em aberto, entretanto, pondera acerca da distinção entre *constativos* e *performativos* e como todos os proferimentos que foram considerados, abrindo exceção para as exclamações, e como se comportam através dos seguintes conceitos: Dimensão de felicidade e infelicidade; Força ilocucionária; Dimensão de verdade e falsidade; Um significado locucionário (sentido e referência).

“A doutrina da distinção performativo/constativo está para a doutrina dos atos locucionários e ilocucionários dentro do ato de fala total como a teoria *especial* está para a teoria *geral*”, (AUSTIN, 1990, p. 121). Para essa afirmativa, Austin elabora alguns pontos que possam esclarece-la: o que se procura elucidar é o ato de fala em sua situação total; declarar, descrever, chamar etc., são apenas nomes entre tantos outros que designam atos ilocucionários e não apresentam uma posição em especial. Austin distingui cinco classes gerais de verbos, que classifica em função de sua força ilocucionária e as denominou da seguinte maneira: Veriditivos; Exercitivos; Comissivos; Comportamentais e Expositivos.

Os veriditivos dão um veredito, expressam uma ordem seja por um corpo de jurados, um árbitro, não sendo necessário serem definitivos, podem designar uma estimativa ou um resultado de algo, constitui que algo seja estabelecido; Os exercitivos se caracterizam por poderes, direitos, influencias ou designações, por exemplo: votar, ordenar, aconselhar, avisar e etc.; Os comissivos tratam de comprometimento, promessas ou anúncios de intenção e constituem algumas coisas vagas que Austin chama de adesões, como por exemplo, tomar partido ou juízo de valor, apresenta também ligações com os veriditivos e os exercitivos; Os comportamentais assumem um caráter heterogêneo por tratar-se de atitudes e comportamentos sociais, são aquelas ações que tomamos cotidianamente e quase que instintivamente só por vivermos em uma coletividade, são os pedidos de desculpa, felicitações, elogios, pêsames, maldizer e desafiar; Austin define o ultimo como os verbos mais difíceis de definir, trata-se dos expositivos, pois esclarecem o modo como os proferimentos se encaixam nos mais diversos tipos de discurso; contesto, argumento, concedo, exemplifico, suponho, postulo, (AUSTIN, 1990).



Vale ressaltar que Austin não tomou por definitivo esses conceitos de classe, para ele as ideias estavam um tanto embaralhadas, mas ainda assim é possível aplicá-las de forma precisa em diversos tipos de conversação e discursos. As ideias de Austin acerca dos atos de fala poderiam estar, na visão dele mesmo, incompletas, e poderia mesmo ser que precisasse de alguns ajustes mas ainda são a maior descoberta no nível da fala que podemos ressaltar, (RAJAGOPALAN, 2010).

### 3. FEIRAS LIVRES: entreposto de atos de fala e relações sociais

No processo de construção desta pesquisa, poucos trabalhos foram encontrados acerca dos mercados e feiras livres como foco de estudos linguísticos. Alguns conceitos aqui estabelecidos foram retirados de trabalhos de cunho econômico e administrativo que corroboram com a caracterização desses espaços que se fazem presentes em todas as cidades do Brasil. No decorrer desta pesquisa, tive acesso a duas feiras livres do município de Parintins, e pude constatar que as relações que permeiam esses espaços vão além dos processos de compra e venda; na realidade, as relações são atravessadas por interações sociais que mais parecem com uma comunidade familiar, pois as dificuldades vivenciadas pelos “atores” são compartilhadas cotidianamente. (SERVILHA e DOULA, 2009) contribuem para esta parte da pesquisa afirmando que os mercados municipais participam da vida comunitária de uma forma mais complexa do que apenas suas relações comerciais de produção, compra e venda; mas que exercem uma função social que se correlacionam com outros fatores e ações socioculturais.

Ao realizar uma abordagem histórica sobre mercados e feiras, (ARAÚJO e BARBOSA, 2004, p. 2) afirmam que esses espaços dispunham de uma importância que ultrapassava seu papel comercial, antes eram tidos como espaço de trocas de experiências, negócios, conversas entre amigos e todo tipo de laço de sociabilidade. Observando o pressuposto histórico apontado por Araújo e Barbosa e as análises que serão esmiuçadas mais a frente, é comum perceber que essa concepção histórica é mantida atualmente.

Existem nas cidades determinados espaços privilegiados, carregados de simbolismo e de centralidade no que diz respeito à organização e à representação da vida pública. Estes espaços não são permanentes: acompanham a vida e a evolução da cidade, sua dinâmica social e sua organização espacial – diríamos até que acompanham sua própria identidade. (GOMES *apud* SERVILHA e DOULA, 2001, p. 98)

As feiras são analisadas como um espaço de construção cultural e social. Esses espaços públicos são diferentes e abarcam uma ‘singularidade coletiva’ no que concerne à linguagem. Sendo fundamentais na construção de identidades não só de uma comunidade de prática, como também de uma cidade inteira. Em algumas situações, as feiras são o lugar de encontro entre o rural e o urbano, o passado e o presente, pessoas de diferentes realidades sociais estabelecendo, desta forma, relações interculturais (SERVILHA e DOULA, 2009). Nos mercados há o encontro de diferentes concepções de mundo, e simbolismos que se inserem de acordo com sua importância e diferentes

atores sociais que desempenham papéis em cenas cotidianas (ARAÚJO e BARBOSA, 2004).

Os conceitos de mercados são os mais variados. Poderíamos abordar de forma histórica as relações das trocas; porém deixemos essa concepção na superficialidade. Quero aprofundar os conceitos linguísticos dentro das feiras livres através dos atos de fala, sem no entanto, deixar de lado os contextos presentes nesses mesmos atos.

SERVILHA e DOULA, (2009) destacam as contribuições do historiador Braudel para os estudos das feiras livres, em que afirma que no século XV os mercados e as feiras eram as engrenagens das cidades.

Frequentadas em dias fixos, a feira é um natural centro da vida social. É nela que as pessoas se encontram, conversam, se intitulam, se insultam, passam das ameaças às vias de fato, é nela que nascem incidentes, depois processos reveladores de cumplicidades, é nela que ocorrem as pouco frequentes intervenções da ronda, espetaculares, é certo, mas também prudentes, é nela que circulam as novidades políticas e as outras. (BRAUDEL apud SERVILHA e DOULA, 1998, p.16).

As ações mencionadas por Braudel são o objeto de estudo dessa pesquisa. Ao entrar na feira, percebi aquela zuada<sup>1</sup> de vozes que se estabelecem nos horários em que o movimento é maior, ou seja, “o ruído das feiras chega distintamente aos nossos ouvidos”, (BRAUDEL apud SERVILHA e DOULA 1998, p. 12). Essa troca de informações entre os feirantes e os clientes, entre os amigos de box, entre os fornecedores são cheias de conteúdos reveladores que são caracterizados pelos atos de fala como performatividades.

Fundamentado no conceito de representação como “cena enunciativa” de Maingueneau (2001), a análise dos diálogos será realizada por cenas, apresentando os enunciadores como atores e tendo como cenário as feiras livres escolhidas como espaço de desenvolvimento desta pesquisa. (MAINGUENEAU, 2001) afirma que uma enunciação pode ser caracterizada por três tipos de cenas; a cena englobante, cena genérica e a cenografia. Tomarei a cena englobante como pressuposto, pois é esta que concede um status pragmático ao discurso e permite uma reflexão epistemológica acerca do enunciado.

Costa (2013) observa que esse conceito de representação enunciativa como uma “cena”, é uma metáfora que designa palavras e situações pertencentes à dramaturgia. Sendo assim, os interlocutores observados nesta pesquisa se caracterizam como atores em

---

<sup>1</sup> Expressão muito utilizada nos municípios da região norte, que designa barulho, seja de uma aglomeração de pessoas, carros, músicas e etc.

cenar cotidianas tendo duas feiras livres como cenários principais, deste modo, a percepção de cena se desprende da dramaturgia para ser inserida no contexto enunciativo de qualquer natureza.

#### 4. UMA ABORDAGEM REFLEXIVA SOBRE OS ATOS DE FALA: RESULTADOS E CURIOSIDADES

No município de Parintins encontramos uma mistura de conhecimentos que se concentram nas feiras livres, dentre elas “O mercado municipal da Francesa” popularmente conhecido como “feira do bagaço”, e o Mercado Municipal de Parintins. Os dois espaços são frequentados por parintinenses, ribeirinhos e pessoas de outros estados que trazem seus produtos para vender todas as manhãs na “beira” da rua em frente ao mercado ou em seus “boxes” (espaços disponibilizados pela prefeitura para vendas) no mercado municipal.

Ambos os mercados apresentam suas peculiaridades, a Feira do Bagaço é mais extensa e repleta de lojas de diversos seguimentos como frutarias, açougues, assistência de celular, produtos artesanais e remédios caseiros. O Mercado Municipal apresenta um menor fluxo de feirantes, há o prédio do mercado e ao lado; à margem da rua encontramos as barracas que são montadas todos os dias. Basicamente são vendidos os mesmos produtos encontrados no Mercado da Francesa, porém em menor quantidade.

Nesses espaços, repletos de diversidade nas mais variadas esferas, é possível perceber as relações sociais que se criam muito além do processo de compra e venda. As pessoas que frequentam essas feiras apresentam uma certa familiaridade, que ao decorrer da pesquisa, percebi ser um hábito construído paulatinamente.

[...] mercados municipais e feiras como lugares, não apenas de compra e venda de mercadorias, mas também, e significativamente, de contato humano face-a-face, a ser analisado como um espaço público no qual relações de trocas não comerciais encontram-se associadas a produção de sentimentos de pertencimento comum, reciprocidade e identidade coletiva em seus frequentadores, (SERVILHA E DOULA, 2009, p.123).

A comunidade de prática que coaduna as duas feiras é, em sua maioria, constituída por ribeirinhos de diferentes comunidades (interiores), seguido por pessoas de outros estados. Analiso as performances que constituem os atos de fala de acordo com as categorias apontadas por Austin para designá-los, que são *atos locucionário, ilocucionário e perlocucionário*. Tais atos estão presentes na fala dos feirantes e clientes das duas feiras, já mencionadas, que são o escopo deste trabalho. Advirto que no decorrer das análises, a questão performativa de agradecer será esmiuçada ao fim delas, pois apresentam uma peculiaridade que se apresenta em todos, ou quase todos os diálogos.

#### 4.1. Mercado Municipal da Francesa: Feira do Bagaço

Na feira do bagaço conhecemos o senhor Manoel de 69 anos, que trabalha há dezenove anos naquela mediação vendendo farinha, cascas para remédio caseiro, acessórios de palha, cipós, vassouras e etc. Nas observações diárias acompanhando seu Manoel presenciei diversos diálogos interessantes de compra e venda ao longo do dia e até mesmo cumprimentos com outros comerciantes e clientes que já o conhecem de muito tempo. Seu Manoel é natural de Fortaleza – CE; chegou em Parintins em 1998 e firmou residência. Desde então, trabalha no mesmo local da feira do bagaço há 19 anos, é conhecido como Ceará. No decorrer das conversas sempre há um cliente que chega para comprar algo ou perguntar.

##### CENA 1

A primeira cena que me chamou atenção foi um breve diálogo com um senhor que veio pedir café:

- *Cadê o café?*
- *‘mar’ lá na frente.*
- *“Intão” vá ‘descurpaaando’.*

Ao perguntar “cadê o café”, o cliente está exercendo a força ilocutória, sendo que a pergunta trata da própria locução, ou seja, a enunciação. A resposta de seu Manoel, por sua vez, a apresenta performatividade, visto que se trata de uma informação; “mar” na frente, está informando que a barraca que vende café é mais à frente. Por fim, a resposta do cliente é um pedido de desculpas (por acreditar ser um incômodo seu questionamento sobre o café). O “*descurpaaando*” apresenta certa sonoridade que beira o humor, o pedido de desculpas insere-se em uma classe de força ilocucionária que Austin denominou “comportamental” por tratar-se da heterogeneidade que perpassa o ser humano em seu convívio social.

##### CENA 2

A segunda cena trata da venda de uma tábua que serve de apoio para cortar carne muito popular no Amazonas;

- Uma ‘tauba’ pra mim (fala a cliente mostrando o dinheiro)

- Essa aqui?
- tem 'otra'?
- Tem essa aqui.
- Tá boa
- Obrigado!

Após ser ensacolata, a cliente paga e parece satisfeita com o produto, seu Manoel agradece e volta-se novamente para mim. Vamos à análise.

- *uma 'tauba' pra mim*

A cliente chega procurando uma tábua para cortar carne, no entanto não faz uma pergunta, apenas enuncia: *uma 'tauba' pra mim*. Essa ação é vista por Austin como um ato performativo, visto que, a cliente apropria-se de uma locução pedindo um objeto para ela por meio da força ilocutória. Ao exercer a força ilocutória, o enunciado da cliente produz um efeito em seu Manoel, ainda que o ato performativo não tenha sido uma pergunta, o vendedor entende que a pessoa foi ao seu estabelecimento para procurar ou comprar algo, trata-se do efeito perlocucionário, e apontando para as opções, pergunta:

“Essa aqui?”

Ao responder, seu Manoel apropria-se também de uma locução, e passa a exercer uma força ilocucionária. A cliente questiona: *tem 'otra'?* Ao procurar entre as opções existentes em sua loja, seu Manoel finalmente encontra uma de acordo com o que a cliente procura, então cria-se mais uma locução: *essa aqui*.

Há uma afirmação por parte de seu Manoel permeada pela força ilocutória que causa o efeito de contentamento na cliente, percebemos isso na resposta: *tá boa*. Notemos que o enunciado é encurtado. Ao responder, a cliente não diz “essa tábua está boa”, ou “está de acordo com o que eu queria”, mas expressa uma locução que permite compreender seu contentamento e que sua escolha foi feita.

### CENA 3

O senhor de 69 anos nos conta com riqueza de detalhes como foi o começo do seu negócio em Parintins e ao ser questionado sobre suas experiências de compra e venda,

um diálogo chamou a atenção. Trata-se da primeira mercadoria para seu próprio comércio quando alugou uma ‘banca’ por R\$60,00.

- É pra “vende” a farinha?

- É sim.

- E quanto é a saca?

- R\$9,00

- Então me veja três sacos.

Nesta primeira parte da locução, a pergunta inicial “É pra ‘vende’ a farinha?” é perpassada pela força ilocucionária em que está se pedindo uma informação. Dentro deste contexto não se classifica em classes ilocucionárias pelo efeito de pergunta e não do sujeito declarando algo, nota-se a presença da ilocução mas não de uma forma ilocucionária que pode ser classificada por alguma das categorias apresentadas por Austin. Neste caso, quem faz a pergunta almeja receber uma resposta; “É sim”, nesse caso é a perlocução que volta novamente para o cliente induzindo-o a buscar mais informações, “E quanto é a saca?”, mais uma proposição ilocucionária, na qual o vendedor responde apenas com o valor. A locução que finda essa primeira parte do diálogo é uma força ilocucionária que pode ser classificada em veriditiva, ainda que não tenha um verbo que indique um pedido, a expressão “me veja” muito utilizada no Amazonas, indica um pedido com tom de ordem e por isso se insere em uma classe ilocucionária veriditiva.

Após comprar sua mercadoria, o cliente agora precisa de um carregador para ajudá-lo com a farinha, pois os sacos são muito pesados. Ao sair do estabelecimento onde comprou a farinha, viu um carregador e perguntou:

- Mestre, quanto é pra carregar a farinha?

- R\$9,00.

- Mestre, cê quer me mandar de volta pro Ceará?

- Por quê?

- R\$9,00 é um saco de farinha. Isso é um roubo. Pegue 5,00 e vá *simbora*.

Ao responder ironicamente “mestre, cê quer me mandar de volta pro Ceará?”, seu Manoel vale-se da ironia para questionar o valor proposto pelo carregador exercendo a



força ilocucionária performativa “mandar”. Essa segunda parte da experiência de seu Manoel com a compra de sua primeira mercadoria é parcialmente atravessada pela classificação ilocucionária exercitiva, pois abarca a ação de tomar uma decisão, seja ela contra ou a favor determinando o curso dessa ação, (AUNTIN,1990), e seu Manoel tomou a decisão de mandar o carregador ir embora por julgar o preço pedido pelo carregador injusto. Ao final da história, Seu Manoel disse: “Eu “tava” *blefado* (sem dinheiro), ia querer ser roubado?”. Essa última afirmativa da narrativa pode ser entendida como um ato ilocucionário comportamental, que Austin caracteriza como “uma idéia de reação diante da conduta passada ou iminente do próximo”, (AUNTIN, 1990, p. 129).

No decorrer da conversa passava sempre um cliente ou outro olhando a mercadoria: - *Ê patroa, bom dia*. Ao fazer esse enunciado, seu Manoel está exercendo um ato ilocutório, correspondendo à “intenção comunicativa de execução” (CASTIM, 2017, p. 90), que está associada a um determinado enunciado e seu significado, ou seja, aquele que exerce o ato ilocutório espera gerar uma reação no ouvinte. No caso de seu Manoel, o objetivo é persuadir e convencer o cliente a entrar em sua loja e adquirir um de seus produtos, então o cliente é atravessado pela força ilocutória promovida no ato de fala de seu Manoel e também pela força perlocutória.

No Ceará, Seu Manoel aprendeu a fazer estruturas, como se fossem prateleiras, e ao montar seu negócio em Parintins inovou montando as estruturas o que causou certa gozação entre seus amigos de feira que lhe diziam estar construindo a arquibancada do Maracanã. Mas seu Manoel sabia o que estava fazendo e lhes disse: “Logo, todos vocês vão estar fazendo igual”, e foi “dito e feito”, atualmente todos os feirantes da Feira do Bagaço utilizam essa estrutura para organizar suas mercadorias.

Para atrair os clientes, seu Manoel diz não ter mais muita disposição pelo fato de já ter trabalhado demais, e que fica difícil com a concorrência que sempre tem um atrativo a mais, seja uma música alta, pessoas batendo palma ou simplesmente com a mercadoria mais exposta.

Os sacos de farinha da loja de seu Manoel são todas cobertas por plástico transparente, o que para ele dificulta a venda para o *caboco do interior*. Ele afirma que os ribeirinhos preferem produtos expostos e acham que por estar coberto não está à venda, sendo entendida como uma mensagem negativa ao receptor, nesse caso, o cliente.

Quando questionei como ele chegara a essa conclusão, seu Manoel contou uma experiência aprendida na cidade de Juruti antes de vir para Parintins.

“- O ribeirinho tem medo de falar com a gente. Cheguei em Juruti e comecei a almoçar num lugar que não dava ninguém, a comida era muito ruim. Mais na frente tinha uma outra senhora que vendia comida e sempre tinha muita gente, mas quando eu chegava pra perguntar, ela dizia que já tinha acabado. Eu fiquei cabreiro com aquilo e deixei passar. No outro dia fui lá e esperei um homem ‘pedi’ e pedi um prato também, disse pra ela colocar do mesmo jeito que tinha colocado pro outro homem, ela ficou sem jeito e colocou. Rapaz, eu comi bem demais, depois agradeci, paguei e fui embora, comi lá no outro dia, depois e depois até eu ir embora e no ultimo dia ela abriu o jogo dizendo:

- Seu Manoel, vou abrir o jogo com o senhor.

- O que foi? Pode falar.

- Daquelas vezes que o senhor veio procurar comida e eu disse que não tinha, eu “tava” mentindo, tinha comida sim, mas eu fiquei com medo do senhor não gostar da minha comida porque é muito simples.

- Mas por que isso?

- Porque sei que o senhor é gente de fora e deve ser “acostumado” “cum” coisa boa e por isso fiquei com vergonha.

- Mas olha, a senhora não sabe o mal que me fez porque todos aqueles dias eu tive que comer uma comida ruim que só na outra venda. (Risos)”

Essa narrativa é um exemplo de linguagem cotidiana na qual perpassam as categorias apontadas por Austin para abranger um ato de fala em sua totalidade. Utilizada em diversas situações e abordada por Austin e Wittgenstein como algo extremamente importante para a comunicação e para exemplificar que a linguagem ordinária apresenta sentido tal qual uma linguagem rebuscada. A linguagem de todo dia é a verdadeira prática de linguagem, é através dela que os mais diversos discursos se materializam. Embasado nos estudos de Wittgenstein, Araújo (2004) salienta que o caminho para essa nova concepção de linguagem foi necessária para mostrar que linguagem tem como função “agir com a fala no mundo” (ARAÚJO, 2004, p. 100), e não apenas falar sobre o mundo, pois a linguagem é uma espécie de ação, “uma atividade, um comportamento, uma forma de vida”, (p. 100). Tal concepção corrobora o fazer enunciativo abordado por Austin (1990), de que todo dizer é de fato um fazer e reafirmado por Rajagopalan (2010), que a pragmática apresenta fases e feições de um fazer.

#### CENA 4

Outro cliente se aproxima e lá vamos nós para a terceira cena.

- *Oi, Mano.*

- *Opa!*

- *Quanto é o cipó?*

- *R\$4,00*

- *Mas são muito pequenos.*

- *São pequenos mas são novinhos. Não tá escolhido.*

- *Vê a corda.* (Os dois se puseram a amarrar os cipós escolhidos pelo cliente)

- *Brigado.*

O cliente se aproxima e cumprimenta o vendedor com uma certa intimidade, seu Manoel tem sua loja há muito tempo e por esse motivo acabou estabelecendo uma relação de amizade com seus clientes, enfatizando que as feiras livres se tornam lugares de interações sociais, culturais e sentimentais, (SERVILHA e DOULA, 2009). O cumprimento “oi, Mano” que designa o diminutivo do nome de seu Manoel, denota o ato ilocutório com a finalidade de chamar a atenção (perlocução). O vendedor, por sua vez, exclama: “Opa!” Ao responder, seu Manoel passa de receptor para interlocutor, e isso permeia os diálogos até que chegue ao fim, como afirma a teoria de Wittgenstein sobre os jogos de linguagem.

Há uma multiplicidade de jogos de linguagem, como prometer, ordenar, descrever, contar histórias, sugerir, ironizar etc. Essa multiplicidade corresponde a “formas de vida”. Não há um núcleo comum, um fio único a amarrar os jogos ou os usos linguísticos todos. Tal como numa corda, a trama é tecida com vários fios que garantem sua resistência, (ARAÚJO, 2004, p. 106).

Utilizo o termo “jogo” abordado por Wittgenstein para realizar uma metáfora com os atos de fala e um jogo de frescobol. Na partida de frescobol, os jogadores formam uma equipe e precisam ter um bom desempenho, utilizam raquetes e não podem deixar a bolinha cair, diferentemente de um jogo de tênis, no qual os jogadores são adversários, no frescobol os jogadores tentam sempre facilitar as coisas para que todos tenham um bom desempenho. Pois bem, nos diálogos que são compostos por atos de fala, os

interlocutores utilizam os três efeitos propostos por Austin, *locução*, *ilocução* e *perlocução* para que se compreendam no decorrer dos diálogos, deste modo, aquele que inicia o diálogo (interlocutor I) profere uma determinada locução, exercendo uma força ilocutória para gerar uma perlocução no ouvinte (interlocutor II). A partir desse momento, o interlocutor II apropria-se de uma locução, proferida por uma força ilocutória para causar uma perlocução no interlocutor I, e assim sucessivamente até que o diálogo chegue ao fim.

Ao perguntar *Quanto é o cipó*, o cliente exerce uma ação performativa, pois no momento do *proferimento*, estava também realizando a ação de tocar e analisar os cipós, “performativo é o ato produzido que realiza o que está sendo enunciado”. (CASTIM, 2017, p.87). Seu Manoel responde o valor dos cipós, *R\$4,00*, o cliente retruca que os cipós são muito pequenos. Essa afirmação do cliente gera em seu Manoel uma resposta automática e persuasiva, caracterizada fortemente pela força ilocutória: *são pequenos mas são novinhos. Não tá escolhido*. Ao utilizar a conjunção “mas”, seu Manoel se sobressai à afirmação de que os cipós são pequenos, e diz que não estão escolhidos, ou seja, que o cliente será o primeiro a levá-los. Toda essa questão ilocutória de persuadir e informar é recebida pelo cliente de maneira positiva, tanto que sua posição é pedir uma corda para amarrá-los: *vê a corda*. O cliente decide levar o produto e ao pronunciar está utilizando uma ação ilocutória e performática, pois profere o verbo “ver” no tom imperativo.

#### **CENA 5**

- tem farinha?
- Rapaz, só tem farinha boa e barata. Pode “ve”. (o cliente prova a farinha)
- É de 4 essa?
- É
- tem uma saca?
- Um alquero? (80 litros de farinha equivalem a dois alqueiros)
- Quanto dá?
- 40
- Quer que “intere” 50 conto?
- Não, não

- Obrigado
- Por alí só acha de 5 e de 6
- Pois é, aqui é boa
- Valeu, valeu. Brigado

Nesta cena, o cliente pergunta se tem farinha exercendo a força ilocutória. Seu Manoel responde exercendo também uma ilocução permeada de performatividade.

“Rapaz, só tem farinha boa e barata. Pode “ve”. (o cliente prova a farinha)”

Ao se dirigir ao cliente utilizando a palavra “rapaz”, seu Manoel chama sua atenção para informa-lo que sua farinha é saborosa e apresenta baixo custo, emprega os adjetivos “boa” e “barata” para persuadir o cliente, primeira forma de convencimento. Em seguida, aproveita a oportunidade e aplica o modo imperativo “pode ve”, que também pode ser caracterizado como um ato ilocucionário expositivo, ou seja, pode comprovar que o produto é bom e barato. Quando o cliente prova a farinha, é perceptível que todos os efeitos propostos por Austin de atos de fala foram utilizados só nessa pequena parte da interação. “Rapaz, só tem farinha boa e barata. Pode ve”, (locução); “só tem farinha boa e barata. Pode ve” (ilocução e perlocução).

A interação prossegue com perguntas e respostas sobre o preço, com a “saca” para carregar a farinha e a quantidade;

- É de 4 essa?
- É
- tem uma saca?
- Um alqueiro? (80 litros de farinha equivalem a dois alqueiros)
- Quanto dá?
- 40

Ao colocar a farinha na saca, seu Manoel pergunta: Quer que ‘intere’ 50 conto? O cliente responde que não mas afirma que na loja de seu Manoel o custo da farinha está mais acessível que em outras lojas.

- Quer que “intere” 50 conto?

- Não, não
- Obrigado
- Por alí só acha de 5 e de 6
- Pois é, aqui é boa
- Valeu, valeu. Brigado

Na pergunta que seu Manoel faz ao cliente; “Quer que ‘intere’ 50 conto?” Há uma performatividade que corrobora a força ilocucionária do ato. O verbo querer é utilizado para persuadir o cliente a comprar mais, no qual o cliente afirma que não e agradece. Porém o cliente também exerce uma força ilocucionária ao afirmar que a farinha da loja de seu Manoel é mais barata, ainda que não o diga com todas as palavras, há um enunciado implícito quando o cliente afirma que “por alí só acha de 5 e de 6”, soa como um certo elogio para o estabelecimento de seu Manoel, o que causa um efeito perlocucionário, reafirmando o que o cliente enunciou *pois é, aqui é boa*.

## **CENA 6**

- Boa tarde
- Boa tarde
- Quanto tá o saco de farinha?
- Vou fazer 120 pra ti

Os clientes tiram uma bolsa de dentro de outra bolsa e saem atrás de um triciclo para levar o saco de farinha. Seu Manoel exclama para um rapaz que está perto e aponta para a pilha de sacos de farinha.

Apesar de em alguns diálogos não apresentarem o agradecimento (obrigado), tudo é feito com um ar de educação que impressiona.

A cena seis apresenta um casal de ribeirinhos que chegam para comprar um saco de farinha. A conversação começa com um cumprimento de boa tarde que é rapidamente respondido. O rapaz direciona a pergunta ao vendedor “Quanto tá o saco de farinha?”. O vendedor responde: “vou fazer 120 pra ti”. Percebemos que nesse proferimento, o verbo “fazer” indica uma ação de performatividade, e o restante da sentença impulsiona ainda mais a força ilocutória “pra ti”. Com essa frase, o vendedor faz com que o cliente tenha a

ideia de desconto, causando o efeito de convencimento (perlocução). O uso do verbo “fazer” também indica uma força ilocucionária exercitiva, pois essa classe implica em “decidir que algo tem que ser de determinada maneira, em oposição a julgar que tal coisa é assim”, (AUSTIN, 1990, p. 126).

## CENA 7

- Bom dia. Quero um frasco de farinha de 4

- Pra já

- Quero essa do meio

(Muito quente)

- tem trocado?

- Não. Só tem isso daí.

(Quente)

- Quanto tá a andiroba?

- Andiroba? Não tenho

- aqui completa 10 e completa 50.

- Quanto é a vassoura?

- 5,00

A sétima cena é protagonizada por uma senhora que vem comprar farinha, andiroba e vassoura. Ela chega cumprimentando e pedindo um frasco de farinha de R\$4,00. A ação de pedir não segue uma regra gramaticalmente normativa, mas baseada na coloquialidade e performatividade. O verbo “querer” é empregado como uma ilocução expositiva, pois está sendo expresso um querer; não há uma pergunta e nem apresenta um elemento que indique pedido. A resposta do vendedor é atravessada pelo discurso da cliente e a resposta sai segura e de mesmo tom: *pra já*. Observemos uma certa pressa no diálogo, que indica uma interação inteligível, porém, encurtada.

O *pra já* indica que o vendedor está à disposição e muito atento, a expressão é resultado da ação ilocutória proferida pela cliente. O senhor Manoel

assinala que é importante que o dono do estabelecimento esteja atento às necessidades de todos os clientes, e que às vezes há pessoas com pressa, pessoas amáveis e outras nem tanto, pessoas educadas e outras nem tanto, e por esse motivo o vendedor deve saber como se portar, ainda acrescenta que se uma pessoa chegar com grosseria, por exemplo, ele não pode agir da mesma forma, mas que se mantém calmo e sereno para não “piorar” o dia do cliente.

Há três sacas de farinha na banca de seu Manoel, a cliente informa que quer a farinha do meio e reclama do calor estendendo uma nota alta para seu Manoel que pergunta se não tem uma nota trocada. Ao que a senhora responde: “Não. Só tem isso daí”. Nesse momento, o vendedor sai em busca de troco para a cliente. Enquanto a cliente aguarda seu troco, olha para os produtos enquanto se refresca balançando um pedaço de papel, em seguida seu Manoel retorna para devolver-lhe o troco, a cliente assente com a cabeça e sai do estabelecimento.

#### **4.2.Mercado Municipal de Parintins**

##### **CENA 1**

No Mercado Municipal, dona Maria, 44 anos, trabalha desde os treze anos no mesmo local vendendo camarão, cascas para preparo de remédios caseiros, tubérculos como macaxeira, cará e batata doce. Pergunto sobre as cascas e na sua banca vende *Saracura-Mirá* “que serve para curar a mulher por dentro”, *Sara-Tudo* que serve para “qualquer tipo de infecção ou feridas por dentro”, *Quinarana*, para problemas do trato urinário e *Quina- da-Mata* que serve como método contraceptivo natural, “seca a mulher por dentro, qualquer inflamação, mas tem que saber tomá, senão a mulher fica seca mermo”. No decorrer de minha conversa com dona Maria, chega um cliente, e ela exclama:

- Olha o camarão...

- quanto é?

- R\$8,00 o litro.

- Iiiii tá caro. Por que na Francesa é mais barato?

- Aqui é ‘mas’ caro que na Francesa porque ‘pegum’ mais lá.



Ao anunciar seu produto, dona Maria exerce a força ilocucionária designada por Austin e entendida como performática, visto que, ao oferecer seu produto, a comerciante utiliza o verbo “olhar” com a intenção de chamar a atenção. Essa junção de ilocucionário mas performativo dá lugar a classe expositiva na qual está expondo algo e pedindo atenção para aquele produto. Ao perguntar o valor do camarão, o cliente também exerce uma força ilocucionária para obter uma resposta que vem em seguida informando o preço do camarão, “R\$8,00”, a resposta causa um efeito perlocucionário de desagrado no cliente, ao ponto de sua exclamação vir em modo de afirmação e indagação:

“Iiiii tá caro. Por que na Francesa é mais barato?”

Dona Maria responde o questionamento do cliente apontando uma situação, ela afirma que em outras comunidades pegam camarão em maior quantidade e por isso vendem mais barato. A justificativa parece não convencer o cliente, que dando-lhe as costas, vai embora.

## **CENA 2**

Outro cliente se aproxima apontando para o cará que estava em uma bacia na frente da banca:

- Vê dois kg logo pra mim antes que eu quebre tudo. (Risos) Esse aqui é do roxo, é?

- É sim.

Enquanto dona Maria coloca na sacola os carás, o cliente brinca com a filha da comerciante por estar comendo camarão cru acompanhado de café com leite:

- A situação tá tão feia que essa daí tá comendo camarão cru com café. (risos)

Dona Maria retruca com a voz mansa enquanto coloca na sacola o pedido do cliente:

- Lá na comunidade é rica, aqui na cidade que o negócio aperta.

O senhor parece se calar, apanha a sacola das mãos de dona Maria, lhe estende o dinheiro e agradece:

- Obrigado.

- De nada.

Dona Maria é de uma comunidade chamada Brasília, e disse que lá é muito farto mas que precisa vir para a cidade vender seus produtos. No começo da conversa, o cliente se aproxima com tom de gozação, trata-se de um cliente antigo da banca de dona Maria. Ao afirmar que a comerciante deveria lhe passar o produto desejado antes que “quebrasse tudo”, o cliente exerceu a força ilocucionária de classificação exercitiva, no qual é postulado o tom de ordem, dona Maria já sabia que se tratava de uma brincadeira entre amigos, e eu também soube depois de algum tempo, mas a perlocução em mim, que não estava habituada àquele diálogo, causou um espanto prévio.

Nas informações que seguem, o cliente persiste em alguma interação de intimidade com dona Maria e com a filha que estava comendo camarão cru acompanhado de café. Neste diálogo, em especial, é possível perceber que os proferimentos são permeados pela força ilocucionária, no entanto, quero chamar a atenção para o sentido perlocucionário que se desencadeia no decorrer da narrativa. Ao proferir uma proposição que implica as necessidades de ser um feirante ribeirinho, “a situação tá tão feia que essa daí tá comendo camarão cru com café”, ainda que em tom de gozação, o cliente acessa um lugar de desconforto para dona Maria, que responde com tom de pesar e informa que o lugar onde vive tem fartura, pois é lá que seus produtos são cultivados, mas que ao vir para a cidade em busca de vendê-los enfrenta uma série de dificuldades. Essa sequência de proferimentos causa certo constrangimento no cliente, essa ação é o que caracteriza o ato perlocucionário, pois “equivale aos efeitos causados sobre o outro, servindo a outros fins como influenciar o outro, ou persuadi-lo a fazer algo, causar um embaraço ou constrangimento”, (CASTIM, 2017, p. 87).

### **CENA 3**

- Veja R\$2,00 de camarão, senhora.

- “Dorreaís” é?

- Trouxe aqui pra senhora (mostrando um panfleto de candidato), não dá pra dar um desconto? Dê uma “abaixada” pra nós.

- Valeu, aí.

- Nada.

Com gentileza, a comerciante recebe o panfleto e coloca um pouco mais de camarão para os clientes, que recebem o produto, efetuam o pagamento e vão embora.

Dois clientes se aproximam para comprar camarão, o proferimento “veja R\$2,00 de camarão, senhora” é permeado de performatividade, ainda que o verbo “ver” seja empregado de uma maneira diferente, pois não se trata de um pedido para que dona Maria apenas olhe para o camarão, mas sim que os venda. Há uma proposta de ação que se insere no enunciado que seria “me dê” ou “me venda” dois reais de camarão. Esse proferimento reafirma a teoria de Austin de que *dizer algo é fazer algo*, (1990), na qual o enunciado é um pedido que designa uma ação de dona Maria que confirma o valor pedido e em seguida entrega o produto. Ao oferecer o panfleto e pedir desconto, a locução proferida pelo cliente é performativa, visto que, espera-se que dona Maria receba o enunciado e a perlocução seja convencê-la a lhe dar um desconto.

#### CENA 4

O senhor Carlos de 68 anos trabalha no box de comida dentro do mercado municipal há trinta e três anos, é natural de Oriximiná-Pa e apesar de não ter o ensino fundamental completo apresenta um vasto conhecimento sobre economia e relacionamento interpessoal de acordo com a posição social que ele exerce, dono de estabelecimento comercial, que precisa atender bem aos seus clientes e ser inteirado dos processos econômicos que constituem o mercado em que atua.

Essa característica é própria das comunidades de prática, como salienta (VELOSO, 2014, p. 5), “são tantas posições quantas comunidades interativas o sujeito atua. Isto porque cada campo social, ou comunidade de prática, exige um posicionamento específico do sujeito, de acordo com os diferentes papéis sociais que ele exerce”. Seu Vivaldo afirma que o movimento era muito melhor, que agora só tem mais movimento na época da festa dos bumbás. Diz que hoje só tem dois açougueiros no mercado e dois farinheiros, que há muitos boxes sem uso que outrora foram muito disputados. Ele aposta no bom atendimento aos seus fregueses e afirma que *olhar nos olhos do cliente é muito importante*, pois transmite segurança e seriedade no negócio. No decorrer da conversa, surge um cliente:

- Quero um suco.
- Meu jovem, aguarde um pouco por favor.
- Não, não. Tô com pressa.

Seu Vivaldo vira-se para mim e faz um gesto com as mãos informando que não entendeu nada, mas que uma situação como essa é corriqueira. O cliente proferiu “quero um suco” sem alguma interação prévia, indicando um modo imperativo, que dentro das classes ilocucionárias poderia ser classificado como expositivo, por requerer algo ou ainda expositivo, pois expressa uma opinião. Tal performatividade requeria certa ação de seu Vivaldo, que por sua vez, proferiu outra sentença, um pedido de aguardo que não foi aceito pelo cliente.

### **CENA 5**

- Veja um cafezinho
- Acabou? Tem que ter até ‘6 hora’.
- E tu vai tomá até 6 h?
- Vô, marrapais.

O cliente estende 2,00 e seu Carlos pergunta:

- Só 2,00?
- Só.

Seu Carlos entorta a boca em sinal de desdém e os dois riem.

A quinta cena enunciativa apresenta tom humorístico por parte do vendedor e do cliente. Ao perguntar sobre o “cafezinho”, o cliente não espera uma resposta e profere “já acabou?”, então sugere que o café precisa ser vendido até as 18:00h, o tom de humor é dado na resposta de seu Carlos para a sugestão do cliente, “E tu vai tomá até 6 h?”, ou seja, a locução é atravessada pela força ilocucionária que requer uma ação, a ação de tomar o café até às 18:00 enquanto se esperar a resposta do cliente. Enquanto serve o café, o cliente estende uma nota de R\$2,00.

O vendedor recebe e faz cara de desdém pelo fato de o cliente ter chegado fazendo um alarido para vender café até as “6 horas da tarde” e ter comprado apenas um café. Obviamente trata-se de uma gozação entre cliente e vendedor, que sintetiza uma certa intimidade, que para VEDANA (2004), faz parte de um ambiente de comercialização diferente dos demais, pois além de haver uma oferta de produtos diferenciados, existem ainda as relações de confiança que se transformam em amizade que se estabelece entre feirantes e clientes, no qual difere dos grandes supermercados, por exemplo.

## CENA 6

- Tem café?
- rapaz... tem até pirarucu assado, imagine café.
- veja 3 (fala o cliente sorrindo)

O cliente não pergunta o preço, estende o dinheiro certo e agradece.

Na cena 6 há uma interação sucinta; O cliente profere a pergunta de forma direta, trata-se do verbo performativo “ter” que antecede a ação. A ação é a resposta bem humorada de seu Carlos que desencadeia o efeito perlocucionário, pelo fato de produzir o riso no cliente.

## CENA 7

A cena sete se dá na venda de frutas e verduras, o cliente se aproxima e apalpa os tomates, batatas e cheirando um maço de cheiro-verde, pergunta:

- Quanto tá uma cheroca dessa?
- 2,00
- Se fosse 12 eu queria, mas só dois não
- risos

O cliente entrega o cheiro verde para a vendedora colocar na sacola e estende o dinheiro.

- Tem abacate?
- Hoje não, meu ‘cumpadre’ mas amanhã eu lhe prometo um bem maduro.
- poxa, assim não dá. (risos)

O cliente recebe a sacola e se despede.

- Obrigada, até amanhã.
- Até.

Antes de perguntar o valor do cheiro-verde, o cliente apalpa os legumes e as frutas escolhendo o que mais lhe atrai, essa ação é peculiar das feiras livres, onde “os fregueses trocam receitas e apalpam os alimentos que estão soltos em cima da banca – nada de

embalagens plásticas do supermercado” (VEDANA, 2004, p. 48), ou seja, há uma liberdade que permite uma interação mais humana entre cliente e vendedor. Há um tom de humor que permeia a palavra “cheroca”, que pode ser vista também como uma sensibilidade, visto que, o cliente estava literalmente cheirando o tempero. Esse tom de humor é perceptível em quase todo o discurso do cliente, pois quando o vendedor responde o valor, a resposta automática do cliente “se fosse doze eu queria, mas só dois não” causa o riso, caracterizando o ato perlocucionário, ou seja, o efeito que a ação do cliente causa no receptor.

Enquanto espera seu produto ser embalado, o cliente pergunta sobre outro produto, “tem abacate”, consiste em o verbo performativo “ter” executar uma ação e esperar uma ação, que vem com a resposta do vendedor “hoje não, meu ‘cumpadre’ mas amanhã eu lhe prometo um bem maduro”; este proferimento é caracterizado pela força ilucucionária classificada em *comissiva*, pois consiste na ação de se fazer uma promessa. O verbo performativo “prometer” indica comprometimento, pois “o importante de um comissivo é comprometer quem o usa a uma determinada linha de ação”, (AUSTIN, 1990, p. 127). Sobre a teoria de Austin, (CASTIN, 2017) observa que a ideia de promessa pode ser expressa de maneira implícita, como quando falamos “promessa é dívida”, estamos exercendo um ato performativo, mesmo que a ideia de prometer esteja implícita ainda assim designa a ação de prometer.

### 4.3. Sobre o ato performativo de agradecer

O ato de agradecer apresenta uma característica peculiar, sendo classificado por Austin como uma ilocução comportamental, visto que essa classe indica verbos que “incluem a idéia de reação diante da conduta e da sorte dos demais, e de atitudes e expressões de atitudes diante da conduta passada ou iminente ao próximo”, (AUSTIN, 1990, p. 129).

Uma curiosidade acerca dos agradecimentos encontrada no decorrer da coleta de dados, é o fato de se poder agradecer de diversas maneiras, e não apenas com “obrigada” ou “agradeço”; há outras expressões e até gestos que podem ser descritos, como um dar de ombros, assentir com a cabeça ou piscar. As expressões mais utilizadas na finalização das conversações deste trabalho foram: brigado, valeu e obrigada; sendo que algumas interações não houveram agradecimentos ou simplesmente nada foi esboçado. Araújo (2014) analisa os estudos de Wittgenstein sobre os jogos de linguagem e aponta que

O uso depende de uma série de fatores, tais como meio, necessidades, desejos, emoções, capacidades sensoriais, que sugerirão quais conceitos são mais adequados. O que uma pessoa expressa não depende só do que ela diz, mas das circunstâncias que mostram qual jogo de linguagem está sendo jogado, (ARAÚJO, 2014, p. 111).

A curiosidade dessa afirmativa se dá em torno dos diferentes tipos de relações e necessidades, os vendedores não ficaram constrangidos por não receberem uma declaração oral de agradecimento, em alguns casos a interação se deu de maneira tão gentil que nem precisava de um agradecimento formal. São essas interações diárias que Austin aprecia em seu trabalho, são as diversas formas de linguagem e proferimentos que colocam a linguagem em uso.

## CONCLUSÃO

Nesta pesquisa tive o intuito de abordar as relações que permeiam a linguagem em sua forma concreta, estudando as interações enunciativas, sociais, culturais e econômicas por meio da Teoria dos Atos de Fala de J. L. Austin, na qual utilizei de nomes fictícios para me referir aos sujeitos entrevistados no decorrer da construção deste trabalho. Tal teoria foi descrita por mim como uma restauração das ideias principais de Austin sem a “intromissão” de Searle para tentar fazer da teoria dos atos de fala uma “teoria” (RAJAGOPLAN, 2010), encontrei suporte nos estudos de Kanavillil Rajagopalan, que desenvolve um estudo apurado e fiel da teoria de Austin se tornando o verdadeiro continuador de seu trabalho. Parti dessa perspectiva para abrir mão das contribuições de Searle, ao me apropriar somente da dicotomia constativos/performativos e enfatizando os três efeitos que compõem um ato de fala segundo Austin, *locução, ilocução e perlocução*.

Esses três efeitos foram essenciais para realizar a análise dos dados coletados no decorrer da pesquisa, entender os atos de fala como performances e aplicá-las nos diálogos foi uma constatação do *dizer é fazer* de Austin. Ao proferir um enunciado estamos de fato realizando uma ação, que no caso de uma promessa pode não ser verdadeira e nem falsa, apenas uma ação que se desenvolve à medida em que se fala. Esses conceitos estruturais da realização da fala em sua forma concreta são específicos e marcam um advento na linguagem, já tínhamos os estudos da semântica e da sintaxe, mas a pragmática vem revolucionar o entendimento que se tem da língua. Segundo Rajagopalan (2003) a linguística, enquanto área de estudo, sempre foi e sempre vai ser uma *atividade humana*, na qual participam indivíduos dotados de laços sociais, seus direitos, deveres, anseios e interesses que se modificam de acordo com as fases da vida que se encontram.

Austin enxergava a linguagem cotidiana como algo puramente rico, diversificado e repleto de significado, não obstante de outra teoria enraizada por Bakhtin sobre a comunicação ideológica, de que essa linguagem do dia a dia é extraordinariamente rica e importante. Austin acreditava que a linguagem simples poderia explicar fundamentos filosóficos complexos, ainda que para isso tivesse que aplicar a visão performática de linguagem como ação.



Me propus a descrever todas as narrativas em seus mínimos detalhes, questão de fala, expressões, gestos, conversas e relatos e vivências dos atores que formaram as cenas enunciativas no universo “feira”. É mister ressaltar que essas experiências não poderiam ser apagadas, em sua medida, pela riqueza que corroboram os diversos fazeres enunciativos. A teoria de Austin não se dá apenas em torno da filosofia e como a linguagem cotidiana poderia explicá-la, mas aborda a singularidade cotidiana presente na vida de cada falante de uma determinada língua. É a dona Maria que sabe ensinar como fazer remédios caseiros para todo tipo de males, é o seu Manoel que tem uma gama de narrativas interessantes sobre a economia e suas andanças no Brasil, é o seu Carlos que possui um conhecimento expressivo sobre a economia mundial, é a dona Maria que faz tapiquinha, seu Antônio que é pescador, seu José que “conserta desmentidura”, enfim, são os atores da vida real que tem um vasto conhecimento sobre os saberes populares e que utilizam a linguagem não apenas para a comunicação, mas para nos ensinar algo.

A experiência como pesquisadora no mercado municipal foi intrigante, ainda que eu seja assídua frequentadora do mercado Municipal de Parintins como cliente, adentrar naquele universo para observar e fazer anotações, conversar com os feirantes e alguns clientes, conhecer histórias e compartilhar saberes, sentir na pele a rotina que se segue todos os dias é realmente uma experiência singular, a qual foi de grande valia para meu currículo acadêmico mas também para meu desenvolvimento pessoal. Os ribeirinhos que trazem suas mercadorias das comunidades, precisam atravessar o rio entre quatro e cinco da manhã para não pegarem o “banzeiro” das seis horas, são extremamente cativantes e adoram ter suas histórias ouvidas, algumas felizes e outras nem tanto, a perspectiva e as diversas formas de enxergar a vida e suas fases diferem, parecem resolver tudo de uma forma simples e descomplicada, como me falou dona Maria, *de difícil e complicado já basta a vida.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso; introdução à filosofia da linguagem**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão e BARBOSA, Letícia Rameh. **Feira, lugar de cultura e educação popular**. São Paulo: In: Revista “Nova Atenas” de Educação Tecnológica, 2004.
- AUSTIN, John Langnaw. **Quando dizer: é fazer**. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho/ Porto Alegre: Artes médicas. 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1981.
- BRAUDEL, Fernand. O jogo das trocas. Civilização material, econômica e capitalismo: século XV-XVIII. São Paulo, Martins Fontes, 1996)
- CASTIM, Fernando. **JOHN AUSTIN E OS ATOS DE FALA**. Pernambuco: Ágora Filosófica, 2017.
- COSTA, Nelson Barros. **Análise do discurso**. Universidade Federal do Ceará. 2013.
- DERRIDA, J. **Margens da Filosofia**. Trad. Joaquim Torres Costa & António M. Magalhães. Porto – Portugal: Rés-Editora, Lda, 1982.
- ECKERT, Penelope e GINET, Sally McConnel. **Comunidades de práticas: lugar co-habitam linguagem, gênero e poder**. In: OSTERMANN, Ana Cristina e FONTANA, Beatriz. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 93-109.
- FIORIN, José Luiz. DISCINI, Norma. **O uso linguístico: a pragmática e o discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.
- GOMES, Paulo César da Costa. **A cultura pública e o espaço: desafios metodológicos**. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org). Religião, identidade e território. Rio de Janeiro. Editora: UERJ, 2001. p. 93-113)
- LOPES, Adriana Carvalho. **Funk-se quem quiser no batidão negro da cidade carioca**. Campinas: UNICAMP, 2010.
- MAINGUENEAL, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 11ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.
- PINTO, Joana Plaza. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2011.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. **A nova pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

---

\_\_\_\_\_. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral** /organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; trad. Anônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blinkstein. – 43ª ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.

SERVILHA, Mateus de Moraes. DOULA, Sheila Maria. **O mercado como um lugar social: as contribuições de Braudel e Geertz para o estudo socioespacial de mercados municipais.** Vol. 11. . Rio de Janeiro: Revista Faz Ciência, 2009.

SOUZA, Danilo Marcondes de. **A Teoria dos Atos de Fala como concepção pragmática de linguagem.** São Paulo: Filosofia Ursinos, 2006.

VELOSO, Rafaela. **As Três Ondas Da Sociolinguística E Um Estudo Em Comunidades De Prática.** João Pessoa: XVII Congreso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina (ALFAL), 2014.

VEDANA, V. **Fazer a feira: estudo etnográfico das artes de fazer de feirantes e fregueses da Feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre/RS.** Apresentada como dissertação de mestrado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade federal do rio Grande do Sul, 2004.